

# Não há espaço para mágica na economia, avisa Lula

*À oposição, indicou que vai comparar resultados obtidos pelo governo atual e o anterior*

**DANIEL PEREIRA**  
Brasília

Um dia depois de demitir o último homem-forte que lhe servia de apoio e proteção, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva aproveitou a cerimônia de transferência de comando do Ministério da Fazenda para mandar recados. Ao mercado, que ontem reagiu mal aos desdobramentos da demissão de Antonio Palocci, reafirmou que a política econômica não muda e que não há espaço para mágica na área. À oposição, deixou claro que, para vencer as eleições, apostará na comparação dos resultados obtidos pelo governo atual e o anterior.

Em relação a Palocci, que foi aplaudido ao ser anunciado, o presidente foi ambíguo. Elo-giou o desempenho do ex-ministro na condução da economia e disse tê-lo como um "eterno companheiro". Afir-mou, no entanto, esperar que sirva de "lição" a Palocci o epi-sódio responsável por sua queda. "Não confundo a minha re-lação política com a minha re-lação pessoal", declarou Lula.

Desde a semana passada, o presidente estava disposto a manter o petista na chefia da Fazenda, mesmo que tivesse men-tido à CPI dos Bingos e visitado a chamada "República de Ribeir-

ão Preto". O depoimento do ex-presidente da Caixa Jorge Mat-toso à Polícia Federal, no qual ele afirmou ter repassado a Palocci o extrato bancário do caseiro Francenildo dos Santos Costa, tornou a demissão inevitável.

"Guardo profundo respeito às pessoas e às leis", disse ontem o ex-ministro, que na segunda-fei-ra entregou carta ao presidente negando ter participado da vio-lação do sigilo do caseiro e da divulgação das informações ob-tidas de forma ilegal.



Presidente Lula

Palocci repe-tiu ainda a tese da perseguição política. De-pois de fazer referênci-a à "oposição fe-roz", consid-erou-se ingênuo por acreditar na possibilidade de convivênci-a harmoniosa entre pessoas que pensam de forma diferente. Apesar do "círculo infernal das suspeições e do prejulgamen-to", declarou que deixa o gover-no sem "mágoa nem ódio no co-ração". "Hoje, o Brasil é muito mel-hor do que há três anos. Saio feliz pelo dever cumprido, por ter deixado uma contribuição, singela que seja, para a mel-horia da vida de milhões de pes-soas pobres, cuja mesa, hoje, é mais farta do que antes", decla-rrou Antonio Palocci.

Lula também ecoou a teoria da perseguição política. Afir-mou que a oposição desconfiava da capacidade de Palocci de com-mandar a economia. Com os re-sultados positivos obtidos, o ex-

ministro teria arranjado inimi-gos. "Palocci pode não ter sido o melhor ministro da Fazenda da história, mas ele tem motivos para se orgulhar da situação eco-nômica do país", disse.

Em discurso improvisado, Lu-la citou dados da economia, co-mo a geração de empregos for-mais e os recordes sucessivos na balança comercial, para em se-guida repetir o mantra petista a ser entoado na campanha eleito-ral. "Nós, certamente, entregare-mos ao povo brasileiro um Bra-sil infinitamente melhor do que recebemos", declarou Lula.

Depois dos elogios a Palocci, o presidente pediu ao novo mi-nistro da Fazenda, Guido Man-tega, que tenha ainda mais su-cesso que o antecessor. Sem lan-çar mão de mágica na condução da política econômica. Afinado com o discurso eleitoral, Man-tega disse que recebeu de Palocci "um ministério, uma economia e um país" melhor do que herda-doo, da gestão tucana, pelo ante-cessor. "Continuo avesso às aven-turas e ao entusiasmo in-fantil", disse Mantega.

A cerimônia durou cerca de trinta minutos. Marcada pela fal-ta de entusiasmo e até mesmo um certo constrangimento dos presentes, teve entre os poucos pontos altos o encerramento do discurso do presidente Lula, com mais um afago a Palocci. "Nem todo irmão da gente é um grande companheiro, mas um bom companheiro é um grande ir-mão. Eu posso lhe dizer, Palocci, independentemente do momento que estamos vivendo, que a nos-sa relação é companheiro".